

O PROTRÉPTICO DE ARISTÓTELES E A VIRTUDE DO HUMOR DE COMTE-SPONVILLE

Carlos César Santana de Oliveira*

INTRODUÇÃO

Em seu *Convite à Filosofia*¹, Aristóteles afirma: “a felicidade é a sabedoria e uma espécie de saber, ou bem a virtude, ou ainda a maior alegria, ou até mesmo isso tudo junto” (ARISTÓTELES, 2001)².

Que Aristóteles neste seu escrito faz um elogio à sabedoria (*σοφία*) tanto em seu caráter de habilidade prática como em sua significação de conhecimento teórico³ disso não há dúvidas. E que aquele que a pratica é um homem virtuoso e alcança a felicidade isto também fica claro no decorrer de sua obra. Mas qual é o lugar reservado ao humor (*εὐθυμία*) - se é que há - em seu Protréptico? Será possível encontrar neste escrito traços da virtude do humor conforme exposta por Comte-Sponville, um pensador francês separado por séculos dos estagirita, quando escreve seu “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”⁴?

Desta forma, esta presente pesquisa tem por objetivo encontrar na supracitada obra de Aristóteles conteúdo que corrobore a afirmação de que há de fato humor emaranhado em suas linhas e, também, esboçar a possível relação que possa haver entre Aristóteles e Comte-Sponville em suas referidas obras.

1. ARISTÓTELES E A SABEDORIA

* Graduando em Filosofia da Faculdade de São Bento de São Paulo.

¹ Aristóteles, *Da Geração e da Corrupção seguido de Convite à Filosofia (ou Protréptico)*. Landy Editora, 2001.

² *Id.*, p. 175.

³ De acordo com o Dicionário Grego-Português e Português-Grego, Isidro Pereira, 1951.

⁴ André Comte-Sponville, *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Martins Fontes, 2000.

Ao destacar alguns trechos de seu Protréptico ou Convite à Filosofia, vê-se que, para Aristóteles, “a sabedoria é uma parte da virtude e da felicidade; pois afirmamos que a felicidade vem dela ou se confunde com ela”⁵. E ainda, “se uma alma foi educada, é semelhante alma e semelhante homem que devem ser chamados ‘felizes’”⁶.

Aristóteles diz também que “a operação contemplativa é a mais prazerosa de todas”⁷ e “o ato de filosofar está relacionado com a felicidade”⁸, e mais, “deveremos então determinar esta [a felicidade] como o exercício da sabedoria”⁹.

De acordo com os Dicionários grego-português/ português-grego consultados¹⁰ há uma relação estreita entre os termos prazer, felicidade, alegria e humor. Isso talvez pareça óbvio, pois o prazer gera de fato um estado de felicidade e vice-versa, por sua vez, seria difícil imaginar uma pessoa bem humorada que não expressasse alegria ou uma pessoa de fato alegre que não pudesse agir com bom humor diante da vida. Porém, apenas isto não resolve a questão e permanece a problemática principal, que é tentar desenvolver o vínculo entre prazer e humor num texto em que Aristóteles fala do valor da filosofia para o homem. Será isso possível? A princípio, deve-se pensar sobre a sabedoria e seus termos consequentes.

2. RELAÇÃO LÓGICA ENTRE TERMOS

Sabedoria (*σοφία*), grosso modo, significa habilidade prática e também conhecimento teórico, saber, ciência. É o próprio Aristóteles quem diz que a “sabedoria é o melhor dos bens”¹¹, e, conforme foi escrito anteriormente, “a sabedoria é uma parte da virtude e da felicidade; pois afirmamos que a felicidade

⁵ Aristóteles, Convite à Filosofia, p. 168.

⁶ *Id.*, p. 149.

⁷ *Id.*, p. 173.

⁸ *Id.*, p.175.

⁹ *Id.*, *id.*

¹⁰ Fora o já citado Dicionário de Isidro Pereira, também foram utilizados nesta pesquisa o Dicionário Grego-Português, Ateliê Editorial, 2007, volumes 1 e 2, o Vocabulário Grego da Filosofia de Ivan Gobry, Martins Fontes, 2007 e o Dicionário on-line: <http://logeion.uchicago.edu>

¹¹ *Id.*, p. 160.

vem dela ou se confunde com ela”¹². Assim vemos, de forma clara, que Aristóteles mesmo liga intimamente a sabedoria à felicidade, tratando esta como consequência daquela ou aquela como parte desta.

Por conseguinte, ao consultar o significado do termo grego *εὐδαιμονία* vê-se, como geralmente definido, que ele significa felicidade, mas também, pode significar prazer¹³ ligando-se ao verbete *ἡδονή*.

Mas *ἡδονή*, além de significar “prazer”, é traduzido também por alegria e satisfação¹⁴. Gobry sustenta esta significação ao afirmar que “Cícero traduz *ἡδονή* por *laetitia* [alegria, prazer em latim¹⁵]” (GOBRY, 2007. p. 68).

Assim, aos poucos, um singelo quebra-cabeça está sendo montado. Estamos em sentido de subida rumo ao humor partindo da base, ou conceito-chave, que é a sabedoria.

Dando, pois, continuidade, ao pesquisar a palavra alegria depara-se com ao menos três termos gregos: *χαρά*, *ιλαροτης*, *ευθυμια*¹⁶ significando não apenas alegria, mas também, respectivamente, regozijo, hilaridade e bom ânimo (humor). A alegria, igualmente, pode ser interpretada como uma disposição básica da vida que necessita, não obstante, a ação e disposição¹⁷, pois tem uma característica de satisfazer-se e para isso precisa sempre estar em atividade.

Por último, mas não menos importante, nos deparamos com o humor. De acordo com Pereira (1951), humor é *ευθυμια*, ou seja, alegria, bom ânimo, confiança.

Até aqui, então, o que se tem é um conjunto de termos que, considerando as devidas diferenças, possui muitos significados em comum.

3. COMTE-SPONVILLE E A VIRTUDE DO HUMOR

¹² *Id.*, p. 168.

¹³ Segundo o Dicionário Grego-Português de Isidro Pereira, 1951.

¹⁴ Dicionário Grego-Português. Ateliê Editorial, 2007.

¹⁵ Ernesto Faria, Dicionário latim-português, 1975.

¹⁶ Isidro Pereira, 1951.

¹⁷ Dicionário de Psicologia Dorsch, 2001.

No capítulo dezessete de sua obra: “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”, André Comte-Sponville trata da virtude do humor¹⁸. A princípio, o texto de Comte-Sponville parece deixar claro que esta é uma virtude com ares grandemente subjetivos, uma virtude psicológica que depende da reflexão íntima e ação particular de cada indivíduo em relação ao mundo, como algumas outras virtudes. Aliás, de saída, ele questiona se o humor, de fato, pode ser considerado uma virtude, pergunta que ele repetiu outras vezes no decorrer de sua obra ao tratar das demais virtudes.

Para os que discordam de que o humor deva ser considerado uma virtude, talvez seja importante lembrar das consequências de sua ausência, isto deve contribuir com sua valorização, visto que, onde o humor está ausente inúmeras características desagradáveis emergem, tais como: falta de humildade, de lucidez, de leveza (o que faz com que a pessoa fique cheia de si, enganando-se, sendo severo e agressivo), falta também generosidade, doçura, misericórdia, entre outras.

Mas qual será, realmente, a importância ou valor do humor? Afinal, um criminoso pode ser bem humorado e um herói pode não o ser.

Primeiramente, este tipo de resposta se enquadra na maioria das virtudes já expostas pelo autor. Em segundo lugar, isso não prova nada contra o humor. E, graciosamente, o humor não prova nada, ele não quer provar nada. Com isso ele pode até ser considerado uma virtude anexa, inessencial, mas ele é, sem dúvida, uma grande qualidade que faz com que pessoas cativem outras, ou, em caso de sua ausência, gere um descrédito, inclusive moral, em relação a quem não a possui. Por isso, Comte-Sponville cita os exemplos do santo e do sábio, que sem humor, talvez não pudessem sequer ser chamados por estes nomes.

A oposição que tradicionalmente se apresenta entre Demócrito (que sempre ri e zomba da condição humana) e Heráclito (que se lamenta e chora por causa da miséria do homem), talvez, não seja tão “verdadeira”, pois esta oposição, aparentemente tão extrema, está presente em cada um de nós e é bom que seja

¹⁸ Diferentemente do que Comte-Sponville parece sugerir, para Abbagnano, o humor é “um estado emotivo que não tem objeto, ou cujo objeto é indeterminável e que se distingue, por isso, da emoção verdadeira”. E ainda, segundo Rycroft, a psiquiatria reconhece apenas dois estados de humor: exaltação e depressão. Veja que estes dois autores citados associam o humor a um estado de ânimo, enquanto Comte-Sponville liga-o a um sentido talvez mais trivial: o gracejo.

assim, diz Comte-Sponville, e que tenhamos a capacidade de rir e/ou chorar de nossa própria realidade.

Comte-Sponville também apresenta muito claramente a diferença que há entre humor e ironia (dissimulação)¹⁹. Segundo Kierkegaard, o conceito de ironia é introduzido no mundo por Sócrates²⁰ que usava habilmente sua retórica dissimulada em seus diálogos. Comte-Sponville inicia esta distinção ao afirmar que a “ironia não é uma virtude, é uma arma”, e ainda, “é o riso mau, sarcástico, destruidor, o riso da zombaria, o riso que fere, que pode matar, é o riso do ódio, do combate”²¹. Claro, que ironia, já que é uma arma, tem sua utilidade quando é necessária, porém, tem que se ter bem nítido que a ironia não é humor, uma arma não é a paz. Pois a linguagem pode enganar, fazendo a ironia passar por humor, desta forma, alguns dos chamados humoristas talvez sejam, no fundo, “ironistas”.

Interessante é a passagem que Comte-Sponville faz entre o humor e a humildade, uma vez que, afirma ele, o orgulho e a seriedade têm uma ligação muito estreita, assim, ao quebrar a seriedade o humor atinge o orgulho. Por isso, é fundamental ao humor rir-se de si, não apenas contra ou do outro, nas variadas situações da vida. E isso se faz de acordo como se encara a vida, dependendo do ponto de vista do qual se olha o mundo: uma pessoa pode ver tudo à distância, desprezando e escarnecendo de tudo a sua volta, ou, ela pode se incluir no número dos desgraçados e rir de todos, inclusive de si.

O humor tem a grande qualidade de aceitar a vida como ela é (lembrando um pouco a ideia de *Amor Fati* de Nietzsche²²), diferentemente da ironia que se confronta com a vida, ferindo-se e causando feridas. O humor é força capaz de transformar estados de alma, por exemplo, tristeza em alegria, ele “desarma a seriedade”²³ e consegue ver a vida com novos olhares, rindo de si mesmo, sem ódio.

¹⁹ Dicionário on-line Grego-Inglês da Universidade de Chicago.

²⁰ Kierkegaard, O conceito de ironia, 1991. p. 23.

²¹ Comte-Sponville, *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, p. 231.

²² Pode-se consultar o verbete *Amor Fati* exposto por Luís Rubira em *Dicionário Nietzsche*, Edições Loyola, 2016, pp. 109-111.

²³ Comte-Sponville, op. cit., p. 234.

Comte-Sponville diz também que não há filosofia cômica²⁴, isso é um limite para o humor, pois ele não poderia ocupar o lugar do pensamento, mas também a filosofia não substitui o humor, e esse é seu limite. O papel do humor seria impedir a filosofia de inflar-se de si, ensinando-a a rir dos limites do conhecimento.

Por fim, Comte-Sponville afirma que o humor é uma bela virtude que ensina a olhar a vida por um ângulo diferenciado, conduzindo sérios e frívolos a rirem de si, divertindo-se com a vida em vez de lamentá-la. Neste ponto, Comte-Sponville concorda com Montaigne e considera também que Demócrito deve prevalecer. Porém, discorda de Kierkegaard, porque para este o humor tem, entre outras, a função de passar do campo ético ao religioso, contudo, para Comte-Sponville, se isso fosse objeto do humor, então, ele já não mais seria o que é e passaria a ser ironia.

Deste modo, Comte-Sponville apresenta o caráter duplamente virtuoso do humor: ser “desilusão alegre”²⁵: demonstrando lucidez diante das desilusões da vida e uma alegria que se relaciona intimamente com o amor e tudo o mais. Resumindo em poucas palavras o que o autor escreve a respeito desta virtude pode-se dizer que rir do que se ama é humor. Se o que mais amo é a mim mesmo. Então, rir do que se ama é rir de si mesmo. E isso é raro!

CONCLUSÃO

Talvez pareça obscura a relação que há entre Aristóteles e Comte-Sponville mesmo ambos tratando basicamente do mesmo tema: humor. Mas pudera, veja que, conforme Dorsch²⁶, apenas a partir do séc. XVIII, o verbete humor passa a ter uma conotação metafórica, significando uma disposição e ânimo alegre e descontraído, diferentemente de como era interpretado anteriormente (período de Aristóteles, por exemplo), sendo considerado um temperamento ou mera disposição de ânimo (cf.

²⁴ Não há filosofia que seja propriamente cômica, o que há é uma didática cômica com a qual se transmite um conhecimento filosófico. Como exemplo, tem-se o livro *Platão e um ornotorrinco entram num bar* de Klein e Cathcart, que desenvolvem muito bem a temática da filosofia exposta com humor.

²⁵ Comte-Sponville, op. cit., p. 240.

²⁶ Dicionário de Psicologia Dorsch, 2001

PEREIRA, 1951). Desta forma, vemos que os dois autores falam do mesmo assunto, todavia, significando cada um de uma forma o referido termo. Ao que parece isso justificaria o fato de Aristóteles não utilizar a palavra humor propriamente dita, mas outras similares como foi exposto acima.

Em todo seu *Convite à Filosofia* Aristóteles explicita que a sabedoria (ação contemplativa) além de ser o melhor dos bens é o objetivo último do homem e sua realização como tal. E é ao sábio que se deve atribuir a vida realizada. Neste ponto Comte-Sponville emerge de sua cátedra e pergunta: pode haver um sábio sem humor? Sem isto seria ele de fato um sábio? Por isso entendemos que a sabedoria e o humor estão intimamente ligados.

O exercício da atividade contemplativa é a mais prazerosa de todas as atividades e, ainda segundo Aristóteles, esse exercício da sabedoria é a própria felicidade.

Neste momento parece ser coerente apresentar uma consequência lógica de modo que seja possível chegar a uma conclusão do problema proposto. Ora, se a prática da sabedoria tem como uma de suas consequências a felicidade (o prazer), logo, a alegria se fará presente... e onde há alegria há humor.

Assim, esta incipiente pesquisa conclui que há um vínculo muito sutil e ao mesmo tempo muito forte entre sabedoria, prazer, felicidade, alegria e humor. E mesmo não aparecendo explicitamente a palavra humor em seu *Protréptico*²⁷, Aristóteles parece utilizar prazer, felicidade, alegria e humor como sinônimos e deixar pistas evidentes de que o humor, entendido por Comte-Sponville como uma virtude, também se faz presente em sua obra e, além disso, está diretamente associado à sabedoria (operação contemplativa e/ ou manual) e pode ser entendido como uma de suas consequências diretas.

²⁷ Pelo menos não na tradução para o português de Renata Cordeiro utilizada na pesquisa.

